

Fernando Molica

Sudário de Vargas virou boneco de posto

No 71º aniversário do suicídio de Getúlio Vargas, o Museu da República, palco da tragédia, resolveu expor alegoria que transforma em boneco de posto o pijama usado pelo presidente no momento de sua morte. A peça de roupa traz o buraco da bala e marcas de pólvora e de sangue na altura do coração.

Retirado na última sexta-feira depois de muitos protestos, o adereço que reproduz o paletó do pijama ficou exposto numa das fachadas da instituição que funciona no Palácio do Catete, antiga residência presidencial e sede de governo.

A peça flutuava diante da sala onde, na noite do dia 23 de agosto, Vargas comandou aquela que seria sua última reunião ministerial. Horas depois, na manhã do dia seguinte, ele apontaria para o peito o revólver Colt calibre 32, com cabo de madrepérola — saiu da vida para entrar na história, como registraria em sua carta-testamento, um de nossos mais importantes e dramáticos testemunhos.

A profanação simbólica da peça que re-

sume e projeta tantas de nossas expectativas e impasses revela o descaso que boa parte do país tem por sua própria história. Não que o tal pijama não possa inspirar diferentes releituras, poderia até mesmo servir de inspiração para alguma alegoria carnavalesca.

O problema foi a exibição do monstro no local do suicídio, a poucos metros da vitrine onde repousa a peça original, sudário que cobriu o corpo do mais importante político brasileiro do século XX, homem que encarnou esperanças e contradições do nosso país.

Há uns 40 anos, um jovem cubano me fez gaguejar ao me perguntar se Vargas tinha sido de direita ou de esquerda. Vacilei, dei uma resposta confusa, inconclusiva.

Como resumir um político nascido de uma crise na oligarquia, que encarnava uma proposta de modernização e que, ao mesmo tempo, implantaria uma ditadura de inspiração fascista? Um líder que viraria referência para a esquerda ao introduzir direitos trabalhistas e criar a Companhia Siderúrgica Na-

cional e a Petrobras? Um presidente que se transformaria em alvo de uma direita furiosa, irresponsável e golpista liderada por Carlos Lacerda?

Sete décadas depois de sua morte — o aniversário foi ontem —, Vargas permanece como um grande referencial de nossa história, formula respostas que se transformam em novas perguntas, num movimento interminável.

O sangue exibido em seu pijama espirra em todos nós o tamanho de tantos desafios presentes em nosso país, faz arder nossos olhos, mancha nossos rostos. A pólvora ainda é capaz de queimar.

Exibido num local tão importante para a vida brasileira, o simulacro desengonçado da mortalha de Vargas fazia coro a um projeto de devastação e de autodestruição, de eliminação de uma memória de lutas populares e de propostas de construção de um país minimamente inclusivo. Debochava de nossa história, de nosso passado, ironizava perspectivas de futuro.

Sérgio Cabral*

Duas joias da cultura

Nesses tempos áridos e controversos, abordo um tema que se mais valorizado nos faria melhor: cultura. Aqui no Rio há duas joias da cultura brasileira localizadas no centro da cidade do Rio de Janeiro e que pertencem à rede de cultura do governo do estado: o Theatro Municipal e a Sala Cecília Meirelles.

O Theatro Municipal foi inaugurado em 1909. O projeto arquitetônico foi inspirado na Ópera de Paris, de Charles Garnier. O Theatro, quando assumi, em 2007, estava mal tratado. Goteiras, banheiros precários, poltronas quebradas e com estofado poído, palco precarizado e obras de arte em mau estado. Demos início a extensas obras no Theatro que foi totalmente restaurado ao estilo original. Cerca de 250 operários trabalharam durante quase três anos nas obras do prédio. O palco recebeu um elevador para o piano (para evitar que a peça destoe) e todos os equipamentos usados no cenário passaram a ser controlados por um software instalado pela mesma empresa austríaca que equipou o Teatro La Fenice, em Veneza, e o Staatsoper, em Berlim.

O Theatro conta com excelentes Corpo de Baile, Coro e Orquestra, além da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa. Foram

restauradas todas as obras de arte do Municipal. A descoberta chocante da equipe restauradora foi a do friso sobre o proscênio original, escondido num vão entre duas paredes acima da boca de cena! Pintado em Paris por Eliseu Visconti, em 1907. Os historiadores acreditavam que a pintura teria sido destruída ao ser substituída por Visconti em 1936 quando, por força do alargamento do palco, um novo friso lhe foi encomendado.

O Theatro reabriu com 219 mil folhas de ouro e 57 toneladas de cobre, além de 1 500 novas luminárias com mais de cinco mil lâmpadas, em 2010. A Sala Cecília Meirelles foi inaugurada em 1965, durante as comemorações do IV Centenário da cidade do Rio, pelo então governador da Guanabara (que nada mais era do que a atual cidade do Rio) Carlos Lacerda. Ele desapropriou o imóvel onde funcionava até 1961 um cinema e homenageou a poetisa e pianista Cecília Meireles. Esse foi o nascimento oficial da sala de concertos.

Da mesma maneira que o Theatro Municipal, meu governo se deparou com a Sala Cecília Meirelles em péssimo estado. Fizemos grandes intervenções no reforço estrutural, criamos acessibilidade plena, restauramos a

fachada, implementamos um projeto acústico de alto padrão, reestruturamos os espaços sociais e construímos anexos funcionais. Instalamos elevadores, rampas, banheiros acessíveis em todos os andares; construímos mezanino com café, bomboniere, a bilheteria repensada e criamos maior circulação interna.

Construímos o Auditório Guiomar Novaes, com capacidade para 150 pessoas, e o Espaço Ayres de Andrade, que funciona como foyer ou área de convivência. A acústica da Sala Cecília Meirelles passou a ser considerada equivalente ou superior a importantes casas internacionais, como o Carnegie Hall e o Wigmore Hall. O espaço acústico se tornou referência internacional com design contemporâneo e conforto para o público e artistas. Em 2014, a Sala Cecília Meirelles foi reinaugurada.

Tenho muito amor por esses dois patrimônios culturais do estado do Rio e do Brasil. E como qualquer equipamento público ou privado, a boa manutenção e a boa gestão são a chave da perenidade.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

Tales Faria

Há risco de violência no 7/9

Entidades e partidos de esquerda, como PT, Psol, PCdoB e PSB, e as frentes Brasil Popular, Povo Sem Medo e Grito dos Excluídos estão convocando manifestações populares em todo o Brasil para o dia 7 de Setembro.

É quando também ocorrem as tradicionais comemorações dos militares pelo Dia da Independência, com desfiles de tropas nas principais cidades do país.

No mesmo dia, partidos de oposição e grupos bolsonaristas também estão convocando seus aliados para ir às ruas se manifestar contra o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o Supremo Tribunal Federal (STF).

É nitroglicerina pura.

Estaremos em meio ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e do chamado “núcleo crucial”, acusados de comandar a tentativa de golpe de Estado entre 2022 e o quebra-quebra nas sedes dos Três Poderes no 8 de janeiro de 2023, incluindo atos violentos contra autoridades.

O “núcleo crucial” começa a ser julgado no próximo dia 2, cinco dias antes das manifestações programadas. É integrado por figuras poderosas do governo passado ainda influentes na área de segurança do país, além do próprio ex-presidente. São eles:

Alexandre Ramagem, ex-diretor da Agência Brasileira de Informações (Abin); Almir Garnier, ex-comandante da Marinha; Anderson Torres, ex-ministro da Justiça; Augusto Heleno, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI); Mauro Cid, ex-ajudante de ordens da Presidência; Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa; Walter Braga Netto, ex-ministro da Casa Civil de Bolsonaro.

O ex-presidente está em prisão domiciliar com tornozeleira eletrônica imposta pelo ministro do STF Alexandre de Moraes. Também o general Braga Netto está preso sob acusação de tentar atrapalhar o julgamento.

O ministro Alexandre de Moraes será outro alvo específico das manifestações da oposição, especialmente de grupos evangélicos ligados ao pastor Silas Malafaia, cujos passaportes e aparelhos eletrônicos foram apreendidos na quarta-feira, 20.

Malafaia foi flagrado, em troca de mensagens com Bolsonaro, articulando o incentivo aos Estados Unidos para impor sanções e o tarifaço contra o Brasil.

O líder da oposição na Câmara dos Deputados, Luciano Zucco (PL-RS), afirmou que a manifestação do dia 7 de setembro será

decisiva “para milhões de brasileiros”. Ou seja, a direita deposita grande expectativa.

O ato foi inicialmente convocado pelo próprio Malafaia, antes de ter seu passaporte apreendido. Ele havia declarado:

“Sete de setembro vai ser uma megamanifestação, com toda certeza (...). O que o Alexandre está colocando, acho que nem Lula ou a esquerda querem: o (papel) de vítima. O lugar mais espetacular para um político ficar é o de vítima. Bolsonaro está sendo vítima de uma farsa de pseudogolpe.”

Não se sabe o quanto Malafaia investirá agora no ato. Mas o risco de embate com a esquerda permanece. O presidente nacional do PT, Edinho Silva, nega interesse em confronto com a manifestação bolsonarista. Ele aponta a questão da soberania nacional e a reação ao tarifaço como motivações da esquerda.

“O 7 de setembro é para que a gente apoie as iniciativas no Brasil para combater privilégios e construir um país mais justo”, disse.

Segundo Edinho, os atos devem apoiar as iniciativas do governo Lula voltadas para a justiça social, mas terão organização e definições descentralizadas — “cada Estado vai organizar seus atos” — o que, para quem conhece esse tipo de movimento, sempre envolve a perda de controle.

EDITORIAL

Atos que entram para a história

A história é marcada por atos. Bons ou ruins, são atos que marcam a vida de uma nação ou de uma população. Desde promulgação ou outorga de leis até revoluções e golpes, todo ato tem um motivo e um porquê ele foi feito. Mas alguns não têm explicação concreta e nem solução certa.

O dia 24 de agosto fica marcado por um desses atos cuja história não venha a ser desvendada por completa. Por mais que um documento, uma simples carta, possa vir a explicá-lo, sua forma e vontade de fazê-lo é que não tem uma porque certo. Neste dia, em 1954, o então presidente Getúlio Dornelles Vargas comete o suicídio e deixa uma carta na qual diz: “saio da vida e entro para a história”.

De fato, ele entrou para a história. Foram 15 anos de poder, sendo quatro provisórios, três constitucionais e sete de forma ditatorial. Além disso, mais quatro de forma constitucional, eleito democraticamente, num pleito em que grande parte da massa estava com afinco ao brigadeiro Eduardo Gomes, pois não queriam o “ditador” de volta ao poder.

Todavia, Vargas fez um governo voltado para seus programas e suas bases trabalhistas. Inventou uma nova forma política de governar e criou o Getulismo como linha de estrutura político-social-econômico. Introduziu a CLT e deu ao trabalhador um caderno de leis que até hoje sua base sobrevive. Só que, um ato contra seus desafetos fez com que a história mudasse. E ele viesse a entrar para as páginas de livros com o fim trágico.

Alguns historiadores, pesquisadores e pensadores dizem que Vargas se matou para o pior não acontecer e os militares assumirem o país. Não por menos, uma Junta assumiu o Brasil depois da deposição de Café Filho e Juscelino Kubitschek entrou no poder por um acordo.

Se atos marcam a história, sem dúvida este foi um que merece um destaque, pelo ar nebuloso do período. Será que Vargas seria deposto? Será que Vargas iria fazer um governo junto com os militares? Será que Vargas seria morto ou sofreria um atentado? Quantas perguntas sem respostas, assim como essa: Por que ele se matou?

A Brasília da polarização é muito feia

Brasília foi concebida por Lúcio Costa para ser ampla e generosa na amplitude imaginada para acolher os lindos monumentos desenhados por Oscar Niemeyer. Sua concepção não abriga muros. Não imaginou cercas separando um prédio do outro. Mesmo as áreas residenciais, com seus pilotis, tornam cada prédio espaço de passagem das pessoas.

Por isso, é triste ver Brasília novamente infestada de cercas de metal e outros entraves colocados em nome da segurança. Do ponto de vista da segurança, entraves, diga-se, cobertos de razão. A proximidade do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal (STF) recomenda a prudência, visto o que aconteceu na cidade em 8 de janeiro de 2023.

Se, porém, é justificável o cuidado com a segurança, é tris-

te ver como a polarização política enfeia a cidade. E contraria todos os seus ideais de tolerância e convivência democrática.

Normalmente lotada nos últimos tempos de turistas e famílias a passear, a Praça dos Três Poderes neste domingo já estava outra vez vazia, repleta somente de barreiras policiais. A Casa de Chá, que tem sido um grande sucesso de público, esvaziada pela dificuldade de acesso. As vans que ainda insistiam em levar turistas arriscando caminhos na contramão em torno da praça pelo bloqueio dos acessos normais.

Essa não é a praça que queremos. Essa não é a Brasília que queremos. A capital necessita de paz. Assim como todo o restante do país. Que retornem os tempos de normalidade política. Que a desnecessária polarização cesse e serene.

Opinião do leitor

JK

Está fazendo 49 anos que Juscelino Kubitschek faleceu num acidente até agora não bem explicado.

Que sua obra, sua maneira de governar, seu ideal e trabalho que fez o Brasil avançar, sirva de exemplo para os dirigentes de nosso país.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CHURCHILL ATACA POLÍTICA TRABALHISTA NA ÍNDIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de agosto de 1930 foram: Churchill ataca a política do governo trabalhista na Índia.

Governos de Portugal e da Espanha vão negociar a retificação do tratado de fronteira na região da Vila Verde de Fialho. Em Milão, cardeal Sebas-

tião Lema transmite alta personalidade católica às suas impressões da Itália. Lisboa não quer desencorajar a migração portuguesa ao Brasil.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA APOTEOSE POPULAR NO PIAUÍ

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de agosto de 1950 foram: Eduardo Gomes promove uma verdadeira apoteose popular em Teresinha. Brigadeiro

já planeja visitas em cidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais. Situação das forças da ONU parece ser mais confortável na Guerra da Coreia. Cerimônias no monumento

Duque de Caxias marcam a celebração do Dia do Soldado. Suspensas as férias do magistrados até depois do pleito de 3 de outubro, decreta o Tribunal de Justiça.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
WhatsApp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.